

Lúcio Costa veio, viu falou, disse e chorou

Sob aplausos de centenas de pessoas que lotavam o plenário e as galerias do Senado, Lúcio Costa criticou, ontem, no Seminário Sobre Problemas do DF, a falta de continuidade das obras previstas e afirmou que não há necessidade de reformular o Plano Piloto, mas de executá-lo e atualizá-lo.

Depois de elogiar a visão e o trabalho daqueles que construíram Brasília, "O Presidente Oliveira (JK), o arquiteto Soares (Oscar Niemeyer) e o engenheiro Pinheiro (Israel Pinheiro), bem como os operários que para aqui vieram", o urbanista declarou-se "chocado" pela não conclusão de obras fundamentais e sugeriu diversas providências de caráter imediato e mediato.

Dirigindo-se à mesa diretora dos trabalhos, na qual se encontravam o presidente do Congresso, Paulo Torres, o Senador Cattete Pinheiro e o Governador Elmo Serejo Farias, Lúcio Costa disse que o plano da cidade foi feito em função de quatro escalas e não de apenas três, como vem sendo considerado, acrescentando a "escala bucólica". Assim, as quatro escalas são as seguintes: 1) Coletiva ou Monumental; 2) Cotidiana ou Residencial; 3) Concentrada ou Gregária; 4) Bucólica.

E revelou que ficou "chocado", antes mesmo de descer do avião, ao observar, do alto, a ausência de árvores frondosas separando as superquadras, o que está prejudicando grandemente a escala bucólica.

"SOU CONTRA"

Destacando que o I Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília, promovido pela Comissão do DF no Senado, representa uma extraordinária oportunidade para o exame dos problemas da cidade, Lúcio Costa declarou-se contra a idéia, por muitos defendida, de reformulação do Plano-Piloto.

— Tenho ouvido falar em reformulação e sou contra. Entendo que não se trata de reformular, mas sim de atualizar e de criar condições para que o plano, alcançando à sua plenitude, possa expandir-se, desenvolver-se.

Frisou que o crescimento da cidade ocorreu de "forma anômala". Para o Plano-Piloto estava prevista uma população de 500 a 700 mil habitantes e que só depois de alcançado esse total é que se começaria a construção das cidades-satélites. Isto não pode ser feito porque os operários que afluíram para a construção aqui ficaram.

Esperava-se que um terço deles voltasse para seus estados. Um terço seria absorvido nas diversas atividades e o outro terço seria encaminhado para as atividades agrícolas. Mas não foram construídas as fazendas-modelo previstas.

Disse o urbanista que o Plano-Piloto tem características próprias e deve ser mantido. "o que é fundamental é impedir que a cidade, através das vias de conexão com as satélites, se alongue, ensejando que aquelas cidades-satélites se transformem em subúrbios. Isto seria um desastre.

ANÉIS

Minha sugestão é no sentido da criação de anéis entre o Plano Piloto e as cidades-satélites. Na parte interna desses anéis seriam localizadas, com estímulos, atividades agrícolas e, na parte externa, atividades industriais, compatíveis com o DF, e que são muitas. Assim, as populações das cidades-satélites teriam opção de trabalho nas proximidades dos locais em que vivem. Esses anéis — agrícola e industrial — levarão a uma solução racional a ocupação da área de Brasília".

Salientou a necessidade de se ocupar os espaços vazios da cidade antes de pensar-se em novas áreas de expansão. Acha que a Asa Norte, quando completada, absorverá uma grande população.

Focalizando a idéia de criação de um novo lago, resultante da Barragem de São Bartolomeu, para a localização de novas áreas

residenciais, disse que o propósito é louvável, mas que se trata de uma necessidade para o futuro.

Para Lúcio Costa, há um pouco de exagero quanto aos problemas de Brasília. "Eu tenho a impressão — frisou — que dramatizam um pouco quando falam em problemas tão graves e tão insolúveis. Acho que os problemas não são tão grandes e todos tem solução".

Destacou, então, dois problemas que podem e devem ser resolvidos com urgência: o encaminhamento dos pedestres e a construção do centro urbano.

Sobre o encaminhamento dos pedestres, disse ter observado que há uma desarticulação e que são necessárias providências simples, sem grandes artifícios, para disciplinar a circulação, de modo que os pedestres possam ir de um lado para o outro em segurança.

CENTRO URBANO

Lúcio Costa afirmou que a cidade continuará "anômala e claudicante" enquanto não for feito, nos termos do Plano, o Centro Urbano, na altura da plataforma superior da Estação Rodoviária.

— Observei — prosseguiu — que este centro está sendo construído de maneira inadequada. Infelizmente, os pavimentos térreos não foram tratados da forma devida, para atrair a população para aquela área. Mas ainda tem muito espaço e o que já existe pode e terá de ser corrigido. A começar pela própria plataforma superior. Está igual ao dia da inauguração da cidade. Ninguém fez mais nada. O Plano prevê para aquele local duas praças verdes, para quebrar a rudeza do cimento armado e a feitura de contornos de tráfego. Fiquei chocado quando vi que os poucos prédios construídos no Centro Urbano estão abaixo do nível da plataforma, sem ligação com a calçada.

Qualificando o fato de "muito estranho", sugeriu um artifício para corrigir essas situações: avançar as sobrelojas, com a instalação de cafés e restaurantes, até o nível das calçadas. "É preciso — assinalou — criar condições para atrair a população para o Centro Urbano, que é o próprio coração da Cidade."

Durante sua palestra — que durou mais de uma hora — Lúcio Costa mostrou-se bastante emocionado. Quando falava dos construtores de Brasília sua voz ficou embaraçada.

Com referência a JK, disse que certa feita sugeriu "ao Presidente Oliveira" que fosse construída apenas metade da plataforma rodoviária, tendo em vistas as despesas que adviriam com a construção total. Respondeu-lhe Juscelino que a obra teria que ser feita completa, sob pena de não ser concluída mais tarde. De outra feita, ponderou ao então Presidente, que caso houvesse problemas de recursos financeiros, se deixasse para mais tarde aquilo que, dentro de uma escala de prioridades fosse menos urgente, tendo ouvido a resposta de que era preciso construir justamente o menos urgente, porque o fundamental, obrigatoriamente, teria de ser feito por quem lhe sucedesse.

— Esses dois fatos — concluiu — mostram a lucidez, a visão e a coragem do construtor de Brasília.

SEMINÁRIO

O Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília irá até o próximo dia 21, tendo prosseguimento, hoje, às 9 horas, quando será abordado o tema "Brasília — confronto entre o planejamento urbano original e a realidade de hoje: perspectivas para o futuro", tendo como expositores o Engenheiro Geraldo Roberto Orlandi, da SVO/GDF; Engenheiro Cloraldino Soares Severo, do Geipot/M. Transportes; Professor Dércio Garcia Munhoz, do Iheco/UnB; Professor Aldo Paviani, do Igeco/UnB. Como convidado especial estará presente o Professor José Carlos Coutinho, da AUR/UnB.



Ladeado pelos senadores Cattete Pinheiro e Paulo Torres e, pelo Governador Elmo Farias, Lúcio Costa fala